

Violência contra si como sacrifício: o suicídio de Razis em 2 Macabeus 14.37-46

*Violence against you
as sacrifice: the suicide of Razis
in 2 Maccabees 14: 37-46*

Willibaldo Ruppenthal Neto¹

Resumo: Este artigo visa apresentar as influências na constituição da ideia de 2 Macabeus a respeito dos mártires e, principalmente, a respeito do suicídio de Razis, relatado em 2 Macabeus 14.37-46. De modo muito diferente dos casos de suicídio apresentados na Bíblia Hebraica, o suicídio de Razis se mostra como um caso de violência contra si que funciona como sacrifício expiatório pelo povo judeu, assumindo a ira de Deus e influenciando na libertação do povo judeu do domínio estrangeiro. Como será apresentado neste estudo, esta perspectiva tão particular é resultado não somente do desenvolvimento de uma teologia do martírio dentro do judaísmo, mas também da influência da cultura helenística, seja na percepção sobre o suicídio ou mesmo na construção da ideia da possibilidade de uma morte expiatória pelo bem do corpo social dos judeus.

Palavras-chave: Suicídio. 2 Macabeus. Mundo helenístico.

Artigo recebido em: 24 ago. 2017
Aprovado em: 30 ago. 2018

¹ Aluno do Mestrado do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Graduado em História pela UFPR e Bacharel em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná. Integrante da linha de Pesquisa Cultura e Poder e membro discente do Núcleo de Estudos Mediterrânicos (NEMED). Bolsista CNPq. E-mail: willibaldoneto@hotmail.com

Abstract: This article aims to present the influences on the constitution of the idea of 2 Maccabees regarding the martyrs and the suicide of Razis, reported in 2 Maccabees 14.37-46. Very different from the cases of suicide in the Hebrew Bible, the suicide of Razis shows itself to be a case of violence against the self that functions as an atoning sacrifice for the Jewish people, taking the wrath of God and influencing for the liberation of the Jewish people from the foreign rule. As will be presented in this study, this particular perspective is the result not only of the development of a theology of martyrdom within Judaism but also of the influence of Hellenistic culture, whether in the perception of suicide or even in the construction of the idea of the possibility of a expiatory death for the good of the social body of the Jews.

Keywords: Suicide. 2 Maccabees. Hellenistic World.

Introdução

Um dos textos mais marcantes e mais chamativos do livro de 2 Macabeus é o relato do suicídio de Razis, “um dos anciãos de Jerusalém”, como é chamado em 2 Macabeus 14.37. Se, por um lado, o fato de ser um relato de suicídio já chama a atenção, por outro lado o modo como se dá tal suicídio é no mínimo digno de menção: vendo seus inimigos, Razis decide se matar e se joga contra sua espada. Errando o golpe, porém, vê outra oportunidade, e se joga do alto de uma muralha. Também não morrendo com a queda, já esgotado e desesperado, Razis arranca suas próprias entranhas com suas duas mãos e as joga contra a multidão. Em um contexto de guerra, Razis, o “pai dos judeus” (2 Mac 14.37), como era chamado, não busca matar seus inimigos, mas a si mesmo – não direciona sua violência contra o outro, mas contra si. Sendo assim, estando diante das tropas inimigas, passa por entre elas (2 Mac 14.45) sem as tocar, pois sua violência é contra seu próprio corpo, que é primeiramente ferido e ensanguentado pelo corte da espada e pela queda da muralha (2 Mac 14.45), e por fim dilacerado pelas suas próprias mãos (2 Mac 14.46). Mas, o que levaria alguém a direcionar sua violência contra si mesmo? Ou ainda, o que levaria o autor de 2 Macabeus a relatar tal tipo de violência, ainda mais com aprovação e louvor?

1. O suicídio na Bíblia hebraica

Quando se atenta para a Bíblia Hebraica², a peculiaridade de

² A Bíblia Hebraica, ou *Tanakh*, é o conjunto de escritos sagrados judaicos, que contém os mesmos livros que o Antigo Testamento protestante, apresentando-os, porém, em uma ordem diferente, estando divididos em

2 Macabeus é ainda mais destacada. Afinal, apesar de a Bíblia Hebraica não condenar explicitamente o suicídio, não apresenta o mesmo sob perspectiva positiva. Dos seis casos de suicídio apresentados na Bíblia Hebraica, que são o de Abimeleque (Jz 9.54), o de Sansão (Jz 16.25-31), o de Saul (1 Sm 31.3-4; 1 Cr 10.3-4), o de seu escudeiro (1 Sm 31.5; 1 Cr 10.5), o de Aitofel (2 Sm 17.23), e o de Zimri (1 Rs 16.18-19), nenhum é elogiado ou apontado como digno de louvor. Pelo contrário, todos estes casos são apresentados “sob condições não usuais e extenuantes”³, tomados como atitudes resultantes de maldade (Zimri), desesperança (Saul/escudeiro/Aitofel), vergonha (Abimeleque), e vingança (Sansão)⁴. Também, podem ser contrastados com sete casos nos quais apesar de pessoas pedirem a morte, Deus lhes concede vida, reanimando-os e de certo modo prevenindo o suicídio dos mesmos⁵.

três partes: *Tôrāh*, “a Lei”, *Nevî ĩm*, “os Profetas”, e *Ketûvîm*, “os Escritos”. Não contém, portanto, os livros denominados “apócrifos” (como chamados pelos protestantes) ou “deuterocanônicos” (como chamados pelos católicos) que fizeram parte da Septuaginta (a primeira tradução grega de textos sagrados judaicos) e atualmente fazem parte da Bíblia Católica, a exemplo de 2 Macabeus (além de 1 Macabeus, Judite, Tobias, Sabedoria, Eclesiástico e Baruque). Sobre a Bíblia Hebraica, cf. GREENSPAHN, Frederick E. Bible. In: BASKIN, Judith R. (Ed.). *Cambridge Dictionary of Judaism and Jewish Culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011. p. 62-63.

³ ROSNER, Fred. Suicide in Biblical, Talmudic and Rabbinic Writings. *Tradition: A Journal of Orthodox Jewish Thought*, Vol. 11, No. 2, p. 25-40, Summer 1970 [p. 39].

⁴ A respeito do suicídio na Bíblia Hebraica, cf. especialmente: SHEMESH, Yael. Suicide in the Bible. *Jewish Bible Quarterly*, Vol. 37, No. 3, p. 157-168, 2009. Deve-se destacar que, dentre estes casos de suicídio na Bíblia Hebraica, o caso de Sansão merece destaque por se apresentar como um caso bastante particular: mesmo que seu suicídio seja claramente motivado pela vingança, somente é possível porque Deus dá forças a Sansão, indicando que não haveria, da parte de Deus, uma rejeição completa à sua atitude. Também, pelo fato de que é sepultado no sepulcro de seu pai (Jz 16.31), parece que sua atitude foi tomada com aprovação pelos seus compatriotas. Não se trata, no entanto, de uma aprovação pelo suicídio como rejeição de sua vida, mas antes como meio de ação contra seus inimigos, os filisteus, que são mortos junto com Sansão. Afinal, sua missão era justamente começar “a salvar a Israel das mãos dos filisteus”, como o anjo anunciou antes de seu nascimento à sua mãe (Jz 13.5). Sua morte, portanto, não é uma rejeição de sua vida, mas antes parte do cumprimento de sua missão.

⁵ KAPLAN, Kalman J. Suicide and Suicide Prevention: Greek versus Biblical Perspectives. *Omega – Journal of Death and Dying*. Vol. 24, p. 227-239, 1992. Estes casos são os de Elias (1 Rs 18-19), Moisés (Nm 11), Davi (Sl 22), Jó, Jeremias, Rebeca (Gn 27-28) e Jonas.

Sendo assim, pode-se dizer que “a literatura sagrada judaica prefere completamente viver do que suicidar”⁶, até porque Deus é indicado como um deus dos vivos e não dos mortos.

Tal concepção negativa sobre o suicídio gerou, dentro da tradição judaica, uma rejeição do suicídio, de modo que ainda hoje o “judaísmo toma o suicídio como um ato criminoso e o proíbe estritamente”⁷. Houve, porém, uma nova perspectiva dentro da teologia judaica, na qual 2 Macabeus se insere, que acabou abrindo exceções e mesmo alterando a perspectiva sobre o suicídio para algumas situações: a chamada “teologia do martírio”.

2. A teologia do martírio

Se, para a visão judaica tradicional, o suicídio deve ser imediatamente rejeitado, para esta nova perspectiva teológica que surge dentro do judaísmo se estabelece uma causa de exceção, pela qual o suicídio pode se tornar digno não somente de aprovação mas também de louvor, que é o martírio. Afinal, em situações de perseguição, o judeu poderia e até mesmo deveria enfrentar a morte se fosse necessário para se manter fiel à Lei de Deus, de modo que, “apenas para santificação do nome do Senhor um judeu tiraria sua vida intencionalmente ou permitiria que fosse tirada, como um símbolo de sua extrema fé em Deus”⁸. É justamente por isso que a expressão *Kiddûsh ha-Shem*, “santificação do nome”, que originalmente expressava o temor a Deus, mediante o respeito ao Santuário, aos mandamentos e aos sacerdotes⁹, passa a ser a designação judaica do martírio¹⁰, tomado como alternativa aos pecados da idolatria, fornicação e assassinato em tempos de paz¹¹, ou

⁶ KAPLAN, Kalman J; SCHWARTZ, Matthew B. *A Psychology of Hope: A Biblical Response to Tragedy and Suicide*. Revised and Expanded Edition. Grand Rapids/Cambridge: Eerdmans, 2008, p. 113-114.

⁷ ROSNER, 1970, p. 38.

⁸ ROSNER, 1970, p. 39.

⁹ Cf. Nm 20.12; Dt 32.51.

¹⁰ MACCOBY, Hyam. *Kiddush ha-Shem*. *European Judaism: A Journal for the New Europe*, Vol. 18, No. 1, p. 31-34, Winter 1984/1985. Também a designação oposta, *hillûl ha-Shem*, literalmente “profanação do nome”, de uma indicação ao desrespeito em relação ao Templo, aos sacerdotes e aos mandamentos, passou a designar a falta em relação ao martírio. Cf. BEN SASSON, H. H. *Kiddush ha-Shem and Hillul ha-Shem*. In: SKOLNIK, Fred, (Ed.). *Encyclopaedia Judaica*. 2 ed. Detroit/Jerusalem: Thomson Gale; Keter Publishing House, 2007. Vol. X. p. 977-986.

¹¹ Cf. Talmude Babilônico, *Sanhedrin* 74a.

ainda qualquer pecado, em tempos de perseguição¹².

Levando-se em conta a estreita relação entre martírio e perseguição, pode-se dizer que os *kédoshîm*, “santos”, são todos que “em uma situação hostil extrema” preferem “uma morte violenta à submissão em relação a uma demanda das autoridades”¹³, se dispondo à morte resultante da desobediência civil a fim de permanecerem obedientes ao próprio Deus. Sendo assim, apesar de a Bíblia Hebraica não apresentar nenhum caso de martírio, possui alguns exemplos de tipos de mártires¹⁴, no livro de Daniel: apesar de não morrerem, Hananias, Misael e Azarias são mártires por terem se disposto à morte, enfrentando a ordem do rei e sendo jogados na fornalha ardente (Dn 3); também Daniel, apesar de não morrer na cova dos leões, encara a mesma por desobedecer ao comando real (Dn 6). Ou seja, apesar de Deus não permitir que morressem, agindo sobrenaturalmente em seu favor, há, no relato de Daniel, pessoas dispostas a encarar a morte de frente a fim de obedecerem a Deus.

Pode-se notar, assim, uma forte relação entre o livro de Daniel e o livro de 2 Macabeus, que pode ser compreendida a partir de uma percepção destes livros como exemplos de dois momentos diferentes no desenvolvimento da teologia do martírio: se o livro de Daniel relata a disposição à morte, 2 Macabeus apresenta efetivamente as cruéis e tristes mortes dos mártires, incluindo até mesmo um suicídio, que é o caso de Razis. Mas, se Deus é apresentado como o “Deus dos vivos” na Bíblia Hebraica, o que

¹² Cf. Toseftá *Avodah Zarah* 27b.

¹³ VAN HENTEN, Jan Wilhelm. Jewish Martyrdom and Jesus’ Death. In: FREY, Jörg; SCHRÖTER, Jens. (Hg.). *Deutungen des Todes Jesu im Neuen Testament*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2005. (Wissenschaftliche Untersuchungen zum Neuen Testament, 181). p. 139-168 [p. 145, nota 9].

¹⁴ Para além dos casos aqui apresentados, presentes no livro de Daniel, pode-se pensar em outros casos, caso se tome uma concepção mais aberta e ampla de mártir (ou mesmo de martírio), como o fazem alguns autores. Cf. BRETTLER, Marc. Is there Martyrdom in the Hebrew Bible? In: CORMACK, Margaret. (Ed.). *Sacrificing the Self: Perspectives on Martyrdom and Religion*. Oxford: Oxford University Press, 2002. (American Academy of Religion, The Religions Series). p. 3-22. Assim, segundo Robert Martin-Achard, “Abel é o tipo perfeito de mártir, a primeira testemunha morta por sua fé”; também “Moisés, segundo algumas tradições palestinas, deve voltar a esta terra para sofrer”; “Elias e Enoque deverão sofrer martírio e pelo seu sangue aniquilar o poder demoníaco”; e “Isaías, segundo a Ascensão de Isaías, [foi] serrado em um tronco baixo (Hb 11.36)”. Cf. MARTIN-ACHARD, Robert. *Da morte à ressurreição segundo o Antigo Testamento*. Santo André: Academia Cristã, 2015, p. 239, nota 479.

levaria seus seguidores a negarem ou mesmo abandonarem a vida? A resposta para esta pergunta parece estar em outra semelhança entre os livros de Daniel e de 2 Macabeus: a fé na ressurreição.

Como bem indicado por Robert Martin-Achard, a ressurreição aparece biblicamente “como a resposta de Deus àquele que sacrifica tudo para ser-lhe fiel”, ou seja, “a ressurreição é, de certa forma, a consequência do martírio, a recompensa do que aceita perder a vida por Yahweh”¹⁵. Não será à toa, portanto, que a crença na ressurreição aparecerá explicitamente pela primeira vez justamente no livro de Daniel¹⁶, e se fará presente no livro de 2 Macabeus, mesmo em um contexto no qual apenas uma parcela dos judeus a defendia¹⁷. Assim, será a certeza na futura ressurreição que justificará em 2 Macabeus o desprezo ao corpo (encarando a morte), uma vez que este desprezo é contrastado com a “esperança de ser um

¹⁵ MARTIN-ACHARD, 2015, p. 239.

¹⁶ Como lembra Geza Vermes, “na Bíblia Hebraica a ressurreição aparece pela primeira vez como metáfora, simbolizando o renascimento de uma nação” (VERMES, Geza. Geza. *Ressurreição: história e mito*. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2013, p. 14), tal como no livro de Ezequiel (37.1-14). A este respeito, cf. LEVENSON, Jon D. *Resurrection and the Restoration of Israel: The Ultimate Victory of the God of Life*. New Haven & London: Yale University Press, 2006. De modo explícito, porém, a ressurreição somente aparece no livro de Daniel (12.1-2), que difere também do livro de Isaías (26.19), que a sugere. Cf. MARTIN-ACHARD, 2015, p. 157-158; BRETTLER, 2002, p. 15. Os cristãos, posteriormente, perceberão a ressurreição nas metáforas, símbolos e sugestões, assim como para o *Midrash Sifre Devarim* (3.2) “não falta a ressurreição dos mortos em nenhuma passagem, mas nos falta a capacidade de interpretar propriamente”. Nem por isso, porém, se poderá afirmar diferente quanto a afirmações explícitas da ressurreição, que estão limitadas ao capítulo 12 de Daniel.

¹⁷ Aparentemente, mesmo no séc. I d.C. a ressurreição não era uma ideia tão amplamente defendida como se costuma pensar: apesar de muitos, como N. T. Wright, defenderem que “a ressurreição não era simplesmente uma doutrina dos fariseus e dos sucessores putativos, os rabbis”, mas antes “era amplamente crida pela maioria dos judeus por volta da virada da Era Comum” (WRIGHT, N. T. *The Resurrection of the Son of God*. Minneapolis: Fortress Press, 2003, p. 147), Geza Vermes e outros autores têm indicado que “a noção de ressurreição corpórea propagada pelos fariseus era estranha aos judeus helenísticos do século I, e era totalmente desconhecida na maior parte das camadas dos judeus palestinos” (VERMES, 2013, p. 75). Apesar da indefinição, é certo que assim como haviam defensores desta ideia, haviam aqueles que não somente não acreditavam nesta como também a atacavam. No caso do livro de 2 Macabeus, este pode ser contrastado com outro relato, de 1 Macabeus, que defende opinião diferente. Cf. 1 Mac 2.49-70.

dia ressuscitado” (2 Mac 7.14), esperando receber o corpo novamente (2 Mac 7.11) para uma “vida eterna” (2 Mac 7.9)¹⁸ e “imperecível” (2 Mac 7.36), como retribuição divina (2 Mac 7.23), mediante sua misericórdia (2 Mac 7.29), pela obediência de seus servos. É por isso que, no caso de Razis, o autor de 2 Macabeus afirma que este morreu “invocando, ao mesmo tempo, aquele que é o Senhor da vida e do espírito¹⁹, para que lhos restituísse um dia” (2 Mac 14.46). A teologia do martírio, portanto, explica a *disposição* à morte dos mártires, dando-lhe uma justificativa e uma esperança para a rejeição da vida. Mesmo assim, porém, acaba não explicando completamente a *busca* da morte pelo suicídio, como ocorre no caso de Razis. Afinal, uma coisa é escolher morrer nas mãos de um soberano tirânico, outra coisa é decidir morrer por suas próprias mãos. Há, evidentemente, um passo a mais, que necessita de explicação, e que conecta o martírio ao suicídio.

3. O suicídio no contexto helenístico

Assim como com a ressurreição há uma clara transformação da percepção judaica sobre a morte, que de algo extremamente negativo – sendo vista até mesmo como um poder que atua contra a

¹⁸ Como indicado na Bíblia de Jerusalém, a expressão aqui utilizada, *aiônion anabiôsin zôes*, significa literalmente “revivificação eterna da vida”. Trata-se de uma expressão teologicamente importante uma vez que paralelamente ao desenvolvimento de uma teologia da ressurreição, que se apresenta nos casos de Daniel e 2 Macabeus mas não em todo o Antigo Testamento, há relatos de “vivificação”, ou seja, ressurreições para esta vida, e não para uma vida eterna, a exemplo dos milagres efetuados por Elias (1 Rs 17) e Eliseu (2 Rs 4; 13.21), que parecem semelhantes à ressurreição de Lázaro (Jo 11) no Novo Testamento. Sobre estes casos e também a respeito do desenvolvimento da ideia de ressurreição, cf. MARTIN-ACHARD, 76-79; VERMES, 2013, p. 42-43; WRIGHT, 2003, p. 85-128.

¹⁹ Para o judaísmo, Deus é o criador, sustentador e Senhor da vida. Afinal, Deus é quem faz a vida (Jó 10.12), a “dá” (Ml 2.5) e a “comanda” (Sl 133.3). Cf. KNIBB, Michael A. *Life and Death in the Old Testament*. In: CLEMENTS, Ronald E. (ed.). *The World of Ancient Israel: sociological, anthropological and political perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989. p. 395-415 [p. 395]. Em Deus está a “fonte da vida” (Sl 36.9; Jr 2.13; 17.13), assim como é ele quem dá o Espírito ao homem, que lhe torna “alma vivente” (Gn 2.7) e lhe preserva a vida (cf. Gn 6.3). Cf. RUPPENTHAL NETO, Willibaldo. *A vida humana no Antigo Testamento. Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, Vol. 42, p. 172-185, set./dez. 2016 [p. 179].

criação²⁰ –, passa a ser percebida a partir de uma esperança pós-morte, também o próprio suicídio, ou seja, a violência contra si, parece ter se transformado dentro da cultura judaica, do contexto da Bíblia Hebraica ao contexto de 2 Macabeus. Mas, qual pode ter sido a origem desta mudança? Considerando-se o aspecto bastante helenizado do livro de 2 Macabeus, não somente escrito em grego²¹, mas também no estilo grego²², pode-se pensar na cultura grega e mesmo na cultura helenística²³ como fontes possíveis para a referida mudança. Mas qual era, afinal, a percepção do suicídio na cultura helênica e no contexto helenístico?

Nas tragédias gregas, os diversos exemplos de suicídios mencionados, como os de Herakles²⁴, Hêmon²⁵, Eurídice²⁶, Ifigênia²⁷, Meneceu²⁸, Jocasta²⁹ e Ajax³⁰, dentre outros tantos, não

²⁰ Segundo E. C. John, “a morte é compreendida como um processo e este começa quando Deus deixa seu povo e entrega-lhes a um inimigo ou outra força de destruição”. Cf. JOHN, E. C. *The Old Testament Understanding of Death. Indian Journal of Theology*, Vol. 23, p. 123-128, 1974 [p. 125].

²¹ 2 Macabeus ser originalmente escrito em grego é algo consensual entre os estudiosos. Apesar de outras obras como 1 Macabeus também terem sido preservadas somente em grego (como 2 Macabeus), estas outras obras carregam no seu texto diversos hebraísmos enquanto 2 Macabeus apresenta um texto originalmente “escrito em um tipo de grego helenístico” que, segundo Jan Wilhelm Van Henten, “é claramente diferente do grego nos livros da Septuaginta, que pertencem à Bíblia Hebraica, ou aqueles que são baseados em um original hebraico ou aramaico, como 1 Macabeus”. Cf. VAN HENTEN, Jan Wilhelm. 2 Maccabees as a History of Liberation. In: MOR, Menachem et al. (Ed.). *Jews and Gentiles in the Holy Land in the Days of the Second Temple, the Mishnah and the Talmud: A collection of articles. Proceedings of the Conference Relations between Jews and Gentiles in the Period of the Second Temple, Mishnah, and the Talmud, held at the University of Haifa, 13-16 November 1995. Jerusalem: Yad Ben-Zvi Press, 2003. p. 63-86 [p. 66, nota 9].*

²² Cf. SIMKOVIČ, Malka Zeiger. Greek Influence on the Composition of 2 Maccabees. *Journal for the Study of Judaism*, Leiden, Vol. 42, p. 293-310, 2011.

²³ Compreende-se por “cultura helenística” a cultura resultante do contato cultural entre gregos e orientais a partir da conquista do Oriente por Alexandre, o Grande, e mesmo depois, com o domínio das monarquias helenísticas nos territórios orientais.

²⁴ Cf. Sófocles, *Trachiniae*, 1252-1254.

²⁵ Cf. Sófocles, *Antigone*, 1177.

²⁶ Cf. Sófocles, *Antigone*, 1304-1305.

²⁷ Cf. Eurípidés, *Iphigenia Aulidensis*, 1466-1499.

²⁸ Cf. Eurípidés, *Phoenissae*, 991-1018.

²⁹ Cf. Sófocles, *Oedipus Tyrannus*, 1240-1250.

³⁰ Cf. Sófocles, *Ajax*, 815-865.

indicam somente uma relação recorrente, mas também profunda entre tragédia e suicídio³¹. Em tais exemplos de suicídio presentes nas tragédias gregas a visão comum era questionada, demonstrando que em muitos casos o suicídio pode ser “uma resposta apropriada e até mesmo desejável”³². Nem por isso, porém, o suicídio era incentivado ou mesmo louvado entre os gregos, uma vez que era tido principalmente como uma rebelião contra os deuses e uma rejeição à própria sociedade³³.

No caso do contexto helenístico, porém, com a influência não somente da tragédia grega mas também da perspectiva filosófica, que tomou a morte de Sócrates como um grande símbolo³⁴, o suicídio passou a ser considerado de modo mais positivo, especialmente dentro de alguns círculos, como na filosofia estoica³⁵, de modo que a percepção sobre o mesmo sob o Império Romano foi muito mais positiva do que na Grécia Clássica, sendo tido na sociedade romana não somente como uma demonstração de liberdade de escolha³⁶ mas também de possibilidade de “morte nobre”. Afinal, alguns suicídios poderiam se dar a fim de “resgatar honra perdida e restaurar equilíbrio à sociedade”³⁷, se tornando possibilidade de uma “morte nobre”, ou seja, de uma espécie de “martírio” em prol de um ideal. Não se trata de uma valorização da morte em si, ou de uma preferência pela morte, mas da escolha por uma morte em virtude da situação presente de vida e de seus

³¹ Sobre a relação entre suicídio e tragédia grega, cf. KAPLAN; SCHWARTZ, 2008, p. 14-33; GARRISON, Elise P. *Groaning Tears: Ethical and Dramatic Aspects of Suicide in Greek Tragedy*. Leiden/New York/Köln: Brill, 1995. (Mnemosyne, 145); VAN HOOFF, Anton J. L. *From Autothanasia to Suicide: Self-killing in Classical Antiquity*. London/New York: Routledge, 1990; FABER, M. D. *Suicide and Greek Tragedy*. New York: Sphinx Press, 1970.

³² GARLAND, Robert. *The Greek Way of Death*. 2 ed. Ithaca, NY: Cornell University Press, 2001, p. 96.

³³ HOLMES, Ronald M.; HOLMES, Stephen T. *Suicide: Theory, practice, and investigation*. Thousand Oaks, Sage Publications, 2005, p. 17.

³⁴ Sobre o suicídio de Sócrates, cf. WARREN, James. Socratic Suicide. *Journal of Hellenic Studies*, Cambridge, Vol. 121, p. 91-106, 2001.

³⁵ Cf. p.e. Sêneca, *De Ira*, 3.15.3-4; *Epistulae morales ad Lucilium*, 70.11. Sobre o suicídio na filosofia estoica, cf. BOERI, Marcelo. Sobre el suicidio en la filosofía estoica. *Hypnos*, São Paulo, Ano 7, No. 8, p. 21-33, 1º Sem. 2002.

³⁶ HOLMES; HOLMES, 2005, p. 19.

³⁷ GARRISON, Elise P. Attitudes toward Suicide in Ancient Greece. *Transactions of the American Philological Association*, Baltimore, Vol. 121, p. 1-34, 1991.

possíveis resultados³⁸. Sendo assim, com o suicídio de Razis se pode perceber que, como indicou Tessa Rajak, através das imagens de martírio em 2 Macabeus, “judaísmo e helenismo se misturam”, uma vez que se pode identificar “uma contínua tradição literária judaico-grega do retrato de mártires político-religiosos”³⁹, dentro da qual Razis e os demais mártires de 2 Macabeus se inserem⁴⁰, à sombra de Sócrates, seguindo sua virtude e nobreza.

O suicídio de Razis, portanto, não é decorrente de maldade, desesperança, vergonha ou vingança, mas antes de sua nobreza, expressa pelo termo grego *gennaios*⁴¹: vendo seus inimigos se aproximarem, “quis assim nobremente [*eugenôs*] morrer antes de deixar-se cair nas mãos dos celerados para sofrer ultrajes indignos de sua nobreza [*eugeneias*]” (2 Mac 14.42). É tal nobreza que lhe dá a coragem necessária para “corajosamente [*gennaiôs*]” ir para a muralha (2 Mac 14.43), a fim de se jogar da mesma. Não se trata do medo de sofrer torturas, mas antes da coragem necessária a fim de que se morra com dignidade.

4. Sacrifício e expiação

³⁸ O suicídio de Sócrates, assim como o platonismo, não são formas de negação da vida em virtude da morte. Cf. MOTTA, G. Domingues da. Seria o platonismo uma negação da vida? *Archai*, Brasília, No. 17, p. 95-118, maio-ago. 2016. Antes, indicam que em determinadas circunstâncias a morte se faz uma escolha melhor do que a vida que é possível. Cf. WARREN, 2001.

³⁹ RAJAK, Tessa. *The Jewish Dialogue with Greece and Rome: Studies in Cultural and Social Interaction*. Leiden/Boston/Köln: Brill, 2001. (Arbeiten zur Geschichte des Antiken Judentums und des Urchristentums, 48), p. 101.

⁴⁰ Para uma visão de conjunto das diversas tradições martiriológicas das culturas grega, romana, judaica e cristã, cf. VAN HENTEN, Jan Wilhelm; AVEMARIE, Friedrich. *Martyrdom and Noble Death: Selected Texts from Graeco-Roman, Jewish and Christian antiquity*. London/New York: Routledge, 2002. (The context of early Christianity). A respeito da influência da tradição de martírio da cultura Greco-romana sobre a teologia cristã, cf. SEELEY, David. *The Noble Death: Graeco-Roman Martyrology and Paul's Concept of Salvation*. Sheffield/New York: Sheffield Academic Press; T&T Clark, 1990. (Journal for the Study of the New Testament Supplement Series, 28).

⁴¹ Este mesmo termo é utilizado também nos relatos dos demais mártires assim como de Judas e dos soldados judeus em 2 Macabeus (6.28,31; 7.5,11,21; 8.16; 10.13; 12.42; 13.14; 14.31,42,43; 15.17), de modo que, pela atenção ao mesmo, fica claro que “2 Macabeus entende seus heróis, os campeões do judaísmo, em termos tirados da cultura grega” (HIMMELFARB, Martha. Judaism and Hellenism in 2 Maccabees. *Poetics Today*, Vol. 19, No. 1, p. 19-40, Spring 1998 [p. 32]).

Se, por um lado, Razis se aproxima e mesmo se insere em uma tradição greco-judaica de martírio político-religioso, por outro lado se afasta da mesma, inserindo-se dentro de uma perspectiva própria da teologia judaica, segundo a qual o martírio serve como sacrifício expiatório para o povo judeu. Mesmo que não esteja clara na Bíblia Hebraica a possibilidade da morte de uma pessoa redimir toda a nação⁴², em 2 Macabeus está evidente tanto uma consciência quanto uma disposição para a redenção do povo mediante o auto sacrifício. Se a consciência fica explicitada no discurso de um dos sete irmãos martirizados⁴³, “a disposição para expiar é mostrada pela resistência aos comandos do rei, pela oração, pela confissão, mas sobretudo através do sacrifício de sangue”⁴⁴. Afinal, se em 1 Macabeus a libertação do povo judaico contra o domínio estrangeiro se dá como resultado da luta armada, no sangue dos inimigos que é derramado, em 2 Macabeus esta libertação é a consequência do perdão divino, resultante do sangue dos mártires que é derramado⁴⁵.

O sangue dos mártires, assim como os bodes expiatórios que eram oferecidos anualmente⁴⁶, teria como intuito a redenção de todo

⁴² Segundo Jarvis J. Williams há quatro textos principais sobre os quais se pode sugerir a percepção de uma morte expiatória de um ser humano para o povo de Israel: Gn 22, Êx 32, Nm 25 e Is 53. Independentemente de terem de fato este sentido, parecem ter sido utilizados como base tanto pelo autor de 2 Macabeus quanto por Paulo. Cf. WILLIAMS, Jarvis J. *Maccabean Martyr Traditions in Paul's Theology of Atonement: Did Martyr Theology Shape Paul's Conception of Jesus' Death?* Eugene: Wipf & Stock, 2010, p. 64-84.

⁴³ “Possa afinal deter-se, em mim e nos meus irmãos, a ira do Todo-Poderoso, que se abateu com justiça por sobre todo o nosso povo!” (2 Mac 7.38).

⁴⁴ HABICHT, Christian. *The Hellenistic Monarchies: Selected Papers*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 2006, p. 99.

⁴⁵ “Em 1 Macabeus, a cólera divina se afastou das pessoas graças à ação purificadora dos macabeus, uma ação que consistiu em erradicar os ímpios de Israel. Aqui [2 Macabeus], ao contrário, é o sangue dos mártires e em particular dos infantes inocentes que expia os feitos do povo e permite em definitivo a ação de Judas, que não poderia ter conseguido sem a bênção divina” (BERTHELOT, Katell. L'idéologie Maccabéenne: Entre Idéologie de la Résistance Armée et Idéologie du Martyre. *Revue des Études Juives*, Leuven, Vol. 165, No. 1-2, p. 99-122, janvier-juin 2006 [p. 106]).

⁴⁶ Segundo o texto de Levítico 16, no Dia da Expição deveriam ser oferecidos dois bodes como oferta, sendo um morto e outro enviado ao deserto. Sobre este ritual judaico e as várias interpretações possíveis sobre o mesmo, cf. RUPPENTHAL NETO, Willibaldo. As interpretações de azazel

o povo, mediante um processo de expiação. Afinal, a morte dos mártires teria como propósito apaziguar a “ira do Todo-Poderoso” (2 Mac 7.38), de modo semelhante aos bodes do dia da expiação⁴⁷, fazendo destes o objeto sobre o qual a ira de Deus seria derramada. Há um grande passo, porém, entre o sacrifício de um animal e o sacrifício de um ser humano⁴⁸. Assim, pode ser que mesmo esta perspectiva teológica, tão particular dos judeus, tenha recebido certa influência da cultura grega, na qual o “bode expiatório”, denominado *pharmakos*, não era um bode, mas pessoas, que eram expulsas ou mesmo mortas pelo bem da sociedade⁴⁹. Em ambos os casos, portanto, seja no *pharmakos* grego ou na visão judaica de 2 Macabeus, a violência contra o corpo de um indivíduo teria como propósito a preservação e mesmo a restauração do corpo social. No caso judaico, porém, esta violência se dá como auto sacrifício, seja por meio da disposição à morte, como nos casos de Eleazar (2 Mac 6) e dos sete irmãos mártires (2 Mac 7), ou mesmo por meio da violência contra si, como no caso de Razis. O suicídio de Razis, portanto, não foi somente um ato de coragem e nobreza – foi um ato sacrificial, no qual a oferta foi seu próprio corpo e o meio do sacrifício foi a violência contra si mesmo. Dilacerando a si mesmo, tal como os sacerdotes faziam com os animais sacrificados, Razis se ofereceu como sacrifício a Deus em prol de seu povo.

Conclusão

Mas, afinal, a morte de Razis foi um suicídio ou um martírio? As linhas entre martírio e suicídio são tênues, mas existem. Se, por um lado, pode-se considerar o martírio como um tipo de suicídio quando se considera por “suicídio” qualquer ato que decorra em morte daquele que o realiza e que este tenha consciência disto, por outro lado se pode separar martírio de suicídio na distinção entre *disposição* e *busca* da morte. Assim, condenando o suicídio, Cipriano recomenda que “ninguém se entregue aos pagãos por sua

em Levítico 16. *Revista Ensaios Teológicos*, Vol. 2, No. 1, p. 11-29, junho 2016.

⁴⁷ Cf. DE ROO, Jacqueline C. R. Was the Goat for Azazel Destined for the Wrath of God? *Biblica*, Vol. 81, p. 233-242, 2000.

⁴⁸ O grande símbolo desta distância é o relato da *Aqedah*, ou seja, quando Abraão leva Isaque como sacrifício a Deus e este lhe dá um animal para ser sacrificado no lugar de seu filho. Cf. Gn 22.

⁴⁹ Sobre o “bode expiatório” grego, cf. BREMMER, Jan N. Scapegoats Rituals in Ancient Greece. *Harvard Studies in Classical Philology*, Cambridge, MA, Vol. 87, p. 299-320, 1983.

própria iniciativa”⁵⁰. Ou seja, o martírio é recomendado, mas não o suicídio: ninguém deve se entregar por livre iniciativa à morte, mas, se for necessário encará-la a fim de permanecer firme na fé, que assim seja. No caso de Razis, portanto, pode-se considerar sua morte mais um martírio do que um suicídio. Afinal, não se dirige aos seus inimigos sem antes estes avançarem, com “mais de quinhentos soldados para prendê-lo” (2 Mac 14.39). Porém, não deixa de ser um suicídio, até porque, mesmo que Razis fosse morrer quando caísse nas mãos de seus inimigos, morre por suas próprias mãos. Não se trata, porém, de um suicídio egoísta ou motivado por sentimentos reprováveis: é um suicídio mártir, filho da coragem e da nobreza, que o permite transformar sua própria morte, mediante a violência contra si, em um sacrifício a Deus.

Referências

- BEN SASSON, H. H. Kiddush ha-Shem and Hillul ha-Shem. In: SKOLNIK, Fred, (Ed.). *Encyclopaedia Judaica*. 2 ed. Detroit/Jerusalem: Thomson Gale; Keter Publishing House, 2007. Vol. X. p. 977-986.
- BERTHELOT, Katell. L'idéologie Maccabéenne: Entre Idéologie de la Résistance Armée et Idéologie du Martyre. *Revue des Études Juives*, Leuven, Vol. 165, No. 1-2, p. 99-122, janvier-juin 2006.
- BOERI, Marcelo. Sobre el suicidio en la filosofía estoica. *Hypnos*, São Paulo, Ano 7, No. 8, p. 21-33, 1º Sem. 2002.
- BOWERSCOK, G. W. *Martyrdom and Rome*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- BREMMER, Jan N. Scapegoats Rituals in Ancient Greece. *Harvard Studies in Classical Philology*, Cambridge, MA, Vol. 87, p. 299-320, 1983.
- BRETTLER, Marc. Is there Martyrdom in the Hebrew Bible? In: CORMACK, Margaret. (Ed.). *Sacrificing the Self: Perspectives on Martyrdom and Religion*. Oxford: Oxford University Press, 2002. (American Academy of Religion, The Religions Series). p. 3-22.
- DE ROO, Jacqueline C. R. Was the Goat for Azazel Destined for the Wrath of God? *Biblica*, Vol. 81, p. 233-242, 2000.

⁵⁰ Cipriano, *Epistulae*, 81.1.4. Sobre a distinção entre martírio e suicídio no cristianismo primitivo, cf. BOWERSCOK, G. W. *Martyrdom and Rome*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, p. 59ss. Sobre a condenação do suicídio, cf. Agostinho, *De Civitate Dei*, 1.17.

- FABER, M. D. *Suicide and Greek Tragedy*. New York: Sphinx Press, 1970.
- GARLAND, Robert. *The Greek Way of Death*. 2 ed. Ithaca, NY: Cornell University Press, 2001.
- GARRISON, Elise P. Attitudes toward Suicide in Ancient Greece. *Transactions of the American Philological Association*, Baltimore, Vol. 121, p. 1-34, 1991.
- GARRISON, Elise P. *Groaning Tears: Ethical and Dramatic Aspects of Suicide in Greek Tragedy*. Leiden/New York/Köln: Brill, 1995. (Mnemosyne, 145).
- GREENSPAHN, Frederick E. Bible. In: BASKIN, Judith R. (Ed.). *Cambridge Dictionary of Judaism and Jewish Culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011. p. 62-63.
- HABICHT, Christian. *The Hellenistic Monarchies: Selected Papers*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 2006.
- HIMMELFARB, Martha. Judaism and Hellenism in 2 Maccabees. *Poetics Today*, Vol. 19, No. 1, p. 19-40, Spring 1998.
- HOLMES, Ronald M.; HOLMES, Stephen T. *Suicide: Theory, practice, and investigation*. Thousand Oaks, Sage Publications, 2005.
- JOHN, E. C. The Old Testament Understanding of Death. *Indian Journal of Theology*, Vol. 23, p. 123-128, 1974.
- KAPLAN, Kalman J; SCHWARTZ, Matthew B. *A Psychology of Hope: A Biblical Response to Tragedy and Suicide*. Revised and Expanded Edition. Grand Rapids/Cambridge: Eerdmans, 2008.
- KAPLAN, Kalman J. Suicide and Suicide Prevention: Greek versus Biblical Perspectives. *Omega – Journal of Death and Dying*. Vol. 24, p. 227-239, 1992.
- KNIBB, Michael A. Life and Death in the Old Testament. In: CLEMENTS, Ronald E. (ed.). *The World of Ancient Israel: sociological, anthropological and political perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989. p. 395-415.
- LEVENSON, Jon D. *Resurrection and the Restoration of Israel: The Ultimate Victory of the God of Life*. New Haven & London: Yale University Press, 2006.
- MACCOBY, Hyam. Kiddush ha-Shem. *European Judaism: A Journal for the New Europe*, Vol. 18, No. 1, p. 31-34, Winter 1984/1985.

MARTIN-ACHARD, Robert. *Da morte à ressurreição segundo o Antigo Testamento*. Santo André: Academia Cristã, 2015.

MOTTA, G. Domingues d a. Seria o platonismo uma negação da vida? *Archai*, Brasília, No. 17, p. 95-118, may-aug. 2016.

RAJAK, Tessa. *The Jewish Dialogue with Greece and Rome: Studies in Cultural and Social Interaction*. Leiden/Boston/Köln: Brill, 2001. (Arbeiten zur Geschichte des Antiken Judentums und des Urchristentums, 48).

ROSNER, Fred. Suicide in Biblical, Talmudic and Rabbinic Writings. *Tradition: A Journal of Orthodox Jewish Thought*, Vol. 11, No. 2, p. 25-40, Summer 1970.

RUPPENTHAL NETO, Willibaldo. As interpretações de azazel em Levítico 16. *Revista Ensaios Teológicos*, Vol. 2, No. 1, p. 11-29, junho 2016.

RUPPENTHAL NETO, Willibaldo. A vida humana no Antigo Testamento. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, Vol. 42, p. 172-185, set./dez. 2016.

SEELEY, David. *The Noble Death: Graeco-Roman Martyrology and Paul's Concept of Salvation*. Sheffield/New York: Sheffield Academic Press; T&T Clark, 1990. (Journal for the Study of the New Testament Supplement Series, 28).

SHEMESH, Yael. Suicide in the Bible. *Jewish Bible Quarterly*, Vol. 37, No. 3, p. 157-168, 2009.

SIMKOVICH, Malka Zeiger. Greek Influence on the Composition of 2 Maccabees. *Journal for the Study of Judaism*, Leiden, Vol. 42, p. 293-310, 2011.

VAN HENTEN, Jan Wilhelm; AVEMARIE, Friedrich. *Martyrdom and Noble Death: Selected Texts from Graeco-Roman, Jewish and Christian antiquity*. London/New York: Routledge, 2002. (The context of early Christianity).

VAN HENTEN, Jan Wilhelm. Jewish Martyrdom and Jesus' Death. In: FREY, Jörg; SCHRÖTER, Jens. (Hg.). *Deutungen des Todes Jesu im Neuen Testament*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2005. (Wissenschaftliche Untersuchungen zum Neuen Testament, 181). p. 139-168.

VAN HENTEN, Jan Wilhelm. 2 Maccabees as a History of Liberation. In: MOR, Menachem et al. (Ed.). *Jews and Gentiles in the Holy Land in the Days of the Second Temple, the Mishnah and*

the Talmud: A collection of articles. Proceedings of the Conference Relations between Jews and Gentiles in the Period of the Second Temple, Mishnah, and the Talmud, held at the University of Haifa, 13-16 November 1995. Jerusalem: Yad Ben-Zvi Press, 2003. p. 63-86.

VAN HOOFF, Anton J. L. *From Autothanasia to Suicide: Self-killing in Classical Antiquity*. London/New York: Routledge, 1990.

VERMES, Geza. Geza. *Ressurreição: história e mito*. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2013.

WARREN, James. Socratic Suicide. *Journal of Hellenic Studies*, Cambridge, Vol. 121, p. 91-106, 2001.

WILLIAMS, Jarvis J. *Maccabean Martyr Traditions in Paul's Theology of Atonement: Did Martyr Theology Shape Paul's Conception of Jesus' Death?* Eugene: Wipf & Stock, 2010.

WRIGHT, N. T. *The Resurrection of the Son of God*. Minneapolis: Fortress Press, 2003.